

## AUTOGESTÃO OU BARBÁRIE?\*

A atual situação mundial é marcada por um prelúdio de um acirramento das lutas de classes. Embora isto não seja tão visível assim, já podemos observar, partindo de um ponto de vista histórico, os primeiros sintomas de um novo período de crise e de lutas que poderão definir o destino da humanidade. Buscaremos apresentar as nossas observações sobre tal período histórico e assim fundamentar a nossa hipótese.

Historicamente, o que se observa é que, a partir do século 20, as crises do capitalismo são acompanhadas de ciclos revolucionários. Estes ciclos são marcados por vitórias e derrotas dependendo do país e da situação histórica concreta, o que coloca em evidência a força conjuntural das classes exploradas e dos grupos esquerdistas.

O primeiro ciclo revolucionário de nossa época foi no início do século: 1905 e 1917 na Rússia, 1919 e 1920 na Itália, 1915-1921 na Alemanha, etc., etc. Isto durou até a derrota final, ocorrida na Espanha, onde a ditadura franquista de caráter fascista derrotou as classes exploradas e seus representantes políticos (POUM – Partido Operário de Unificação Marxista – e os anarquistas). Sem dúvida, as tentativas de revolução socialista no início do século foram várias e algumas se mantiveram heroicamente por algum tempo (Rússia, Espanha). Mas a derrota e a continuidade da luta foram suficientes para o desespero da burguesia que entregou o poder à extrema-direita: o nazismo, na Alemanha; o fascismo, na Itália; são os exemplos mais conhecidos, mas pode-se acrescentar o caso do Japão, da Espanha, etc. A direita abre mão do poder para a extrema-direita em momentos de crise pelo simples motivo de que não há como assegurar a manutenção do modo de produção capitalista sem uma forte repressão. Somente a ditadura pode manter o capital. Mas não se trata de qualquer ditadura, pois isto a direita poderia implantar. Trata-se de uma ditadura que consiga recuperar o apoio de parte da população, armada de uma ideologia do “inimigo oculto”, que é um inimigo imaginário, criado para desviar a atenção das massas e fazer ela descarregar suas frustrações em cima de grupos sociais inocentes

---

\* Editorial da Revista Ruptura nº 6, lançada em dezembro de 1997.

(judeus, comunistas, homossexuais, ciganos, etc.). As classes auxiliares da burguesia encontram aí (bem como na corrupção que o poder estatal faz ao oferecer possibilidade de ascensão social no regime ditatorial, através da integração no esquema de poder) uma oportunidade de recuperar seu prestígio social. Isto também tem efeito sobre parte das classes exploradas que acaba encontrando uma forma de descarregar seu ódio, embora faça isso contra um inimigo imaginário, que apenas encobre a visão do verdadeiro inimigo: o capital.

Nesta situação de crise a democracia burguesa é solapada. Em primeiro lugar, a burguesia e as classes exploradas confiam a recuperação na socialdemocracia. Para a burguesia, a socialdemocracia, representante de algumas das classes auxiliares da burguesia, devido seu “enraizamento popular” e seu discurso pseudoesquerda, pode controlar a revolta operária. Para as classes exploradas, com a consciência ofuscada pela ideologia dominante, a socialdemocracia pode superar a crise e realizar sua promessa de “bem-estar social”. Para a extrema-direita e a esquerda (revolucionária, que fique claro), trata-se de combatê-la, pois ela representa um governo fraco para a extrema-direita e um governo burguês para a esquerda. A burguesia busca apoiar a socialdemocracia até o limite possível, mas a crise pode a qualquer momento fazê-la entregar o poder à extrema-direita, pois aí o seu domínio está garantido.

Portanto, existe um confronto entre duas forças políticas fundamentais: a burguesia e o proletariado. Mas ao lado deste confronto existem outras classes sociais que tornam o conflito mais complexo, principalmente somando-se forças políticas que representam as classes de forma confusa. Em períodos de crise pode ocorrer um ciclo revolucionário e sua vitória garante a autogestão social e sua derrota a barbárie, ou seja, a volta do fascismo. A derrota do ciclo revolucionário no início do século abriu a possibilidade de vitória do fascismo. A esquerda tem que lutar ao mesmo tempo contra a direita, a extrema-direita, a socialdemocracia e o bolchevismo. A direita e a socialdemocracia se revezam no poder (basta ver as atuais derrotas dos neoliberais para os social-democratas na França e Inglaterra para notarmos isto) e representam a manutenção do *status quo*. A esquerda deve combater tais forças na busca da revolução proletária. A socialdemocracia pode servir de aliado no caso de confronto contra a extrema-direita mas nunca como

alternativa política, ou seja, para enfrentar um inimigo comum<sup>1</sup> pode-se fazer uma frente, evitando que o inimigo mais poderoso e nocivo consiga ascender ao poder, mas não se pode ceder o poder à socialdemocracia, pois ela é incapaz de “resolver” a crise e de buscar a autogestão. A direita, por sua vez, nunca servirá nem sequer como força aliada, pois ela é naturalmente aliada da extrema-direita.

A extrema-direita vive nos subterrâneos da sociedade capitalista (como se vê nos neonazistas e fascistas em geral, tais como os skin-heads, Ku Klux Klan, TFP, Nova Acrópole, pequenos partidos fascistas, etc.) e vai crescendo aos poucos, na ambição de tomar o poder (daí a ênfase em formar uma força paramilitar). Esta representa a última alternativa da burguesia de manter sua dominação. Seus métodos violentos, sua concepção totalitária e racista, apresentam sua força durante períodos de crise, onde o desespero produz adeptos de governos “fortes” e outras ilusões que os fascistas conseguem canalizar em seu proveito.

O bolchevismo é outra ameaça e também possui características totalitárias e autoritárias, e, embora no atual momento histórico ele esteja enfraquecido, não é uma força desprezível, pois a radicalização das lutas e seus métodos totalitários poderão atrair adeptos e provocar o seu fortalecimento futuro<sup>2</sup>. Entretanto, eles tendem a combater a extrema-direita. Por isso, em determinados momentos, eles podem se tornar aliados. O combate ao bolchevismo se torna mais urgente após a derrota da direita, da extrema-direita e da socialdemocracia, pois é aí que se definirá o caminho da sociedade: se seguirá rumo ao modo de produção comunista (autogestão) ou rumo ao burocratismo (seja do capitalismo de estado seja o do modo de produção burocrático). Esta é uma segunda etapa da luta. No início o combate ao bolchevismo *pode* ficar relegado a segundo plano, *dependendo da conjuntura*. O perigo maior hoje é a barbárie, ou seja, a extrema-direita e os demais representantes do capital (socialdemocracia e direita assumida).

---

<sup>1</sup> Isto é verdade no que diz respeito a algumas frações da socialdemocracia, que representa a burocracia civil, pois, em sua maioria, ela se opõe aos regimes fascistas e totalitários que destroem a sociedade civil organizada, ou seja, o seu meio de vida enquanto fração de classe da burocracia, ao destruir a democracia burguesa, organização sindical livre, etc.

<sup>2</sup> Este é o caso de pessoas de personalidade autoritária pouco participantes do ponto de vista político, mas que possuem uma tendência mais à esquerda, entre outros.

Não se trata de defender a tese da “frente popular” e sim de reorganizar uma forte força política realmente de esquerda (aglutinando marxistas autogestionários, anarquistas, autonomistas, independentes de esquerda, ecologistas e feministas de esquerda, etc.) numa organização internacional e buscar interferir nas lutas sociais de forma autônoma, buscando, de acordo com a conjuntura, reforçar a luta pela autogestão e combater o capitalismo. Em momentos de recuo das classes exploradas pode tornar-se necessário se aliar com outros segmentos para evitar a barbárie e recuperar as forças para novamente combater o capital e lutar pela autogestão.

A situação histórica atual é marcada por uma pré-crise do capital. O modo de produção capitalista e seu estado buscam evitar tal crise, mas isto não vem surtindo muitos efeitos. A chamada “reestruturação produtiva” (toyotismo), o neoliberalismo, etc., não são suficientes para conter a crise do capital que se aproxima. A quebra da bolsa de Hong Kong é apenas um sinal do que tende a vir pela frente. Daí surge a tendência de autonomização das classes exploradas, de um lado, e o fortalecimento da extrema-direita, de outro lado. As greves na França e Estados Unidos, por exemplo, já marcam o início de um processo de autonomização e radicalização do movimento operário. É neste contexto que teremos que atuar a partir de agora. Não devemos esperar a catástrofe acontecer para depois agirmos. É preciso entender a situação atual e elaborar uma estratégia revolucionária visando não ser pego de surpresa. A tendência é de acirramento das lutas de classes e os primeiros sintomas já aparecem. Portanto, cabe a nós buscarmos fortalecer as forças revolucionárias e romper com as divisões da esquerda para não deixar que a barbárie retorne.

Como encaminhar as lutas neste sentido? Em primeiro lugar, trata-se de unir as forças numa associação internacional de caráter anticapitalista e antifascista. Em segundo lugar, reforçar todas as atividades junto às classes exploradas e movimentos sociais e buscar criar um bloco revolucionário, buscando fortalecer as forças revolucionárias para que elas atuem junto às grandes massas e não apenas entre si. Para isto ocorrer é preciso uma melhor articulação entre as forças existentes e o seu fortalecimento.

Tendo em vista essas necessidades da atual conjuntura histórica, o MSL irá promover algumas ações, dentro do que é possível tendo em vista suas limitações, visando fortalecer o movimento revolucionário e prepará-lo para combater a extrema-direita e demais forças conservadoras (direita, socialdemocracia e bolchevismo). Através da Revista Ruptura, procuraremos apresentar estudos e informações sobre as forças políticas adversárias (bolchevismo, socialdemocracia, fascismo, etc.), tal como se vê já neste número, com os textos sobre o neonazismo, e abrir espaço para o debate entre as forças aliadas (anarquistas, autonomistas, etc.). Através da ação cotidiana buscaremos reforçar nossa posição nos movimentos sociais e difundir a discussão sobre a formação de uma associação nacional e internacional de esquerda. No início, estas tentativas poderão não surtir muito efeito, mas com o acirramento das lutas de classes que se delineiam tendencialmente, logo serão colhidos os primeiros frutos.